

# Magdalena Jitrik

## *El Silencio*

exposição individual

05 Junho — 27 Julho 2019

Sala 02

### Press Release

Por que batizar de “silêncio” uma exposição que tem tanto a dizer? Composta de oito pinturas e um conjunto de objetos, a quarta mostra individual de Magdalena Jitrik na Galeria Luisa Strina é como um enigma a ser decifrado. Talvez a mais misteriosa das pinturas, que à primeira visada aparenta ser a representação de um par de olhos sobre um maciço vermelho concreto, evoca os olhares que nos lançam a figura feminina sentada, no canto direito inferior, da obra *Les Femmes d'Alger (O.J.)*, assim como a mulher agonizante, braços estendidos em postura de rendição, do lado direito na tela *Guernica*. A referência a Picasso não é direta nem fundamental, mas é sabido que a artista argentina se vale das vanguardas históricas, de cubismo e surrealismo a De Stijl e Bauhaus, em sua reinterpretação crítica dos modernismos.

A semelhança com Picasso se deve menos à obra do espanhol do que à apropriação que Picasso fez do primitivismo, afinal, o partido estético de abandonar a perspectiva em favor da bidimensionalidade deliberadamente adotado em *Les Femmes d'Alger (O.J.)* para “épater la bourgeoisie”, afeita à pintura tradicional europeia, é revista à contrapelo por Jitrik no uso deliberado que a artista faz da perspectiva. Em suas pinturas, Magdalena costuma inserir contradições visuais entre fundo e figura. O efeito esfumado em várias das telas apresentadas em *El Silencio* produz não apenas uma sensação de volume flutuante, como também projeta a figura para trás e para a frente num dinamismo infinito.

Importante lembrar que, em 1907, Matisse classificou *Les Femmes d'Alger (O.J.)* como uma piada de mau gosto, e hoje o quadro é considerado a gênese da revolução cubista. Se, por um lado, *Les Femmes d'Alger (O.J.)* fundou o cubismo, *Guernica* é o maior ícone do movimento. Como se sabe, o título da pintura monumental de Picasso deriva do nome da aldeia espanhola que foi a primeira área urbana a sofrer o bombardeio aéreo, em 26 de abril de 1937, pela aviação militar alemã, que apoiou a ditadura franquista na Guerra Civil Espanhola, preâmbulo da Segunda Guerra Mundial. Hoje em dia, e ao longo dos anos desde então, o trabalho é considerado um símbolo da paz e libelo contra as atrocidades da guerra, de qualquer guerra. Conta-se que, quando um oficial nazista viu a pintura, ele teria questionado Picasso: “Você fez esse horror, senhor?”, a que o artista respondeu “Não, você fez”.

A exposição de Jitrik pode ser pensada como um manifesto contra o arquipélago de arrogância que condena ao silêncio. As obras mais geométricas da mostra têm um quê mondrianesco,

também revisitado à contrapelo, logicamente. É sintomático que os trabalhos reunidos na galeria escancarem a atualidade, um século e duas grandes guerras depois, do Manifesto I (1918), do grupo De Stijl:

1:  1:  2:  3:  4:  5:  6:  7:  8:  9: 

A guerra contra o individualismo, na trajetória de Jitrik, talvez seja mais evidente em sua militância à frente do Taller Popular de Serigrafía, com Mariela Scafati e Diego Posadas, nos anos 2000. Foi com o coletivo, por exemplo, que a Argentina participou da 27ª Bienal de São Paulo, em 2006, com curadoria de Lisette Lagnado – exposição que disseminou, no Brasil, o conceito de estética relacional, do francês Nicolas Bourriaud, e é hoje considerada um divisor de águas na história da Bienal, primeiro por ter abolido as representações nacionais, mas, principalmente, por ter colocado na pauta do sistema de artes as pesquisas de artistas que se focam na colaboração e na coabitação, ou seja, nos valores do “viver junto”, que inclusive, emprestada de uma obra de Roland Barthes, foi a expressão que deu nome à Bienal de 2006, Como Viver Junto. A união pela qual lutavam os artistas um século atrás reviveu na América Latina e ao redor do mundo nos anos 2000 e, no início da década seguinte, de novo, na Primavera Árabe (2011) e nas Jornadas de Junho, no Brasil (2013).

Pari passu com o diálogo que Magdalena Jitrik estabelece com a tradição europeia, a ancestralidade das culturas antigas da América Latina invariavelmente entra no debate: a pintura Chac Mool, por exemplo, é inspirada na estatuária mesoamericana e sintetiza vários dos interesses e procedimentos da artista. Reinventar o processo construtivo de elementos arquitetônicos por meio da memória apenas é um dos dispositivos que guiam a construção de suas pinturas e esculturas; nesta obra, a artista preferiu recorrer às deformações da memória de experiências vividas, em lugar de fotografias. Ela viveu no México desde a infância até os anos de formação em Artes Visuais, porém, foi em uma viagem recente ao DF que a artista vivenciou o impacto das ruínas de uma civilização grandiosa que aos poucos foi sendo resgatada dos escombros da Tenochtitlan arrasada pelos conquistadores espanhóis.

O Chac Mool é onipresente na iconografia das culturas asteca e maia. Feitas de diferentes tipos de pedra, as estátuas retratam um homem reclinado segurando uma bandeja ou tigela em sua barriga ou peito, e guardam relação com Tlaloc, deus mesoamericano da chuva e do trovão. Na pintura de Jitrik, o deus do trovão se torna um edifício peculiar, antropomórfico. A ancestralidade em comunhão com o aqui e agora também marca Maíz / Humanismo (2008), conjunto de bandeiras estilizadas, feitas com palha de milho tramada. O milho (maíz, em espanhol) é uma planta sagrada na América Latina. Nesta obra, Jitrik se empenha em tramar a palha com o objetivo de se aproximar de uma forma geométrica; assim como nas pinturas sobre juta, o labor de tecer implica em um enfrentamento da “abstração pura”, que na arte da AL é historicamente atravessada pelo contexto social, pela herança das civilizações maia, asteca, inca e tupi-guarani, além de antropofagizada em parangolés e bichos, arte relacional, para usar um termo extemporâneo às experiências neoconcretas.

Em Maíz / Humanismo, Magdalena Jitrik também mobiliza, assim como fazia com seus colegas de Taller Popular de Serigrafía, dispositivos de protesto para a criação de obras de arte. Importante enfatizar que a juta sobre a qual foram pintadas as abstrações geométricas presentes na exposição foi tecida pela própria artista. Jitrik identifica esta matéria-prima com a tradição artesanal latinoamericana – basta pensar na apropriação da juta pela sua dimensão social por artistas do modernismo, como David Alfaro Siqueiros e Antonio Berni, e no uso que fizeram dela, posteriormente, nomes como Joaquim Torres-Garcia e Mira Schendel -, e pretende dela extrair uma aproximação dificultosa da geometria, dadas as imperfeições inerentes do material.

Voltemos à pintura que parecia retratar um par de olhos e vejamos ali dois pássaros que tocam a ponta dos bicos, duas pessoas que dialogam, ou ainda o símbolo do infinito. “Foi um quadro cuja visualidade e materialidade emergiu, um pouco arbitrariamente, no processo de produção das obras para a individual na Luisa Strina. Não tenho muito a dizer sobre esta obra, a não ser que vejo nela algo sobre a comunicação, a comunicação como símbolo de algo contínuo, de algo infinito”, reflete Magdalena Jitrik. A exposição da artista nos mostra, ao final, que mesmo quando não podemos falar, o silêncio promove a reflexão que enseja a conversa infinita com o outro.

## **SOBRE A ARTISTA**

Magdalena Jitrik (1966) nasceu em Buenos Aires, onde vive e trabalha. Entre 1974 e 1987, morou no México, onde estudou artes visuais, na Escola Nacional de Artes Plásticas. Ela vem mostrando seu trabalho desde 1990, quando teve sua primeira exposição individual na Galeria del Rojas. Ela foi um dos fundadores do grupo argentino Taller Popular de Serigrafía (2002-2007), junto do qual realizou uma grande intervenção na 27ª Bienal de São Paulo (2006). Jitrik participou também das bienais de Porto Alegre, Brasil (2009); Thessaloniki, Grécia (2009); Trienal Poligráfica de Porto Rico (2009), Istambul, Turquia (2011), e Manifesta 9, Genk, Bélgica (2012).

Exposições individuais recentes incluem: Venceremos // Black is Beautiful, Centro Cultural Universidad Nacional General Sarmiento e Casa Doblas, Buenos Aires, Argentina (2017); Vanguardia – America, MACBA, Buenos Aires, Argentina (2016); Pintura Moderna, Galeria Luisa Strina, São Paulo, Brasil (2014); El Fin, el Principio, Fundación Universidad Di Tella, Buenos Aires, Argentina (2013); International Lantern, The Beltable Center, Limerick, Irlanda (2012); La Linterna Internacional, Museo Castagnino, Santa Fe, Argentina (2012).

Entre as mostras coletivas de que participou, destacam-se Potência e Adversidade – Arte da América Latina nas coleções em Portugal, Museu de Lisboa / Pavilhão Branco e Pavilhão Preto, Lisboa, Portugal (2017); Verboamérica, Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (2016); Retour sur l’Abîme – l’art à l’épreuve du génocide, Les Musées de Belfort, France (2015); El teatro de la pintura, Museo de Arte Moderno, Buenos Aires (2014).

Seu trabalho se encontra nas seguintes coleções públicas: MACBA, Barcelona; Reina Sofia, Madrid;

Museo de Arte Contemporáneo de Rosario (MACRo), Rosario, Argentina; Museo de Bellas Artes de Bahía Blanca, Argentina; FRAC – Provence-Alpes-Côte d'Azur, Marseille, França; Fundación ARTEBA, Buenos Aires; MALBA – Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires; Centro de Arte 2 de Mayo, Madri, Espanha; Museo Universitario de Arte Contemporáneo, UNAM, México.

**Link**

[www.galerialuisastrina.com.br/exposicoes/magdalenajitrik-2019](http://www.galerialuisastrina.com.br/exposicoes/magdalenajitrik-2019)

**+ Info**

Galeria Luisa Strina  
Rua Padre João Manuel 755  
Cerqueira César 01411-001  
São Paulo SP Brasil

Fone: +55 11 3088-2471  
[info@galerialuisastrina.com.br](mailto:info@galerialuisastrina.com.br)  
[www.galerialuisastrina.com.br](http://www.galerialuisastrina.com.br)